

ESTAREMOS A FAZER VINHO ILEGALMENTE?

Esta foi a pergunta que fizemos depois duma conversa com membros do "Liquor Control Board" em Toronto. Explicarei depois.

Desde sempre para nós portugueses o vinho foi número um entre todas as bebidas alcoólicas. Em Toronto continuamos com a tradição de fazer o vinho em casa. O nosso jornal observou durante alguns dias, este facto através da comunidade e apresenta hoje uma pequena reportagem.

O uso das bebidas alcoólicas é antiquíssimo. Ninguém sabe quem descobriu o álcool, mas vestígios

deixados por civilizações muito antigas mostram que tal substância já existe entre nós há muitos milhares de anos.

O vinho e a cerveja são as bebidas mais comuns entre nós; Portugal é ainda hoje um dos maiores e melhores produtores de vinho. O vinho, seja ele branco ou tinto, verde ou maduro, do Cartaxo ou do Pico, mais forte ou mais leve, é um elemento essencial na refeição do povo português. Sem vinho, a comida parece ser menos apetitosa. Não sabe tão bem.

O vinho já está, podemos dizer, agarrado à tradição e à cultura portuguesas. Para onde ele vai, o

vinho acompanha-o da mesma maneira que a língua. As festas das vindimas, o "mata-bicho", as adegas, o São Martinho, o garrafão e tantos outros símbolos fazem já parte da história e da cultura do povo português.

Quando o imigrante chegou a Toronto, assim como a tantas outras terras do continente Norte-Americano, encontrou já uma comunidade italiana que os ajudou a continuar a velha tradição portuguesa de fazer o

Continua na página 4

Reportagem de: Domingos Marques
Martinho Silva

COMUNIDADE

ANO I NÚMERO 4 Outubro/75 O Jornal Comunitário Português Assinatura Anual \$5.00 Preço Avulso 35¢

GOVERNO NADA FEZ PELAS MULHERES DE LIMPEZA

Organização e Unidade das Mulheres é essencial para a Vitória

No dia 5 de Setembro de 1975, 97 mulheres e homens da limpeza que trabalham em cinco edifícios do governo provincial no Queen's Park, nas ruas Bay e Wellesley, receberam cartas de despedimento enviadas pela companhia - Modern Building Cleaners. As cartas foram enviadas pouco depois que os empregados/as de limpeza votaram para serem representados/as por um sindicato e estavam a negociar um novo contrato. Foi também na altura em que o contrato da companhia com o governo estava para terminar e estavam para submeter novos concursos para contratos.

A carta dizia que no dia 3 de Outubro os 97 trabalhos acabariam. Os trabalhadores que estavam com \$2.40 à hora tinham pedido um aumento de salário igual ao que é pago a outros trabalhadores do governo no mesmo serviço. A companhia por seu lado, oferecia-lhes paridade com os trabalhadores do Toronto Dominion Center que trabalham a \$2.85 por hora. O Sindicato pediu voto para saber se os trabalhadores aceitavam a oferta, mas recusaram-na e exigiram um

novo contrato, dizendo que uma companhia que fez mais de um milhão de dólares de lucro no ano passado podia pagar mais aos trabalhadores. O sindicato também não agiu rápida nem enérgicamente como devia, pois não fez uma queixa ao Labour Relations Board ou ao governo quando os trabalhadores receberam as cartas.

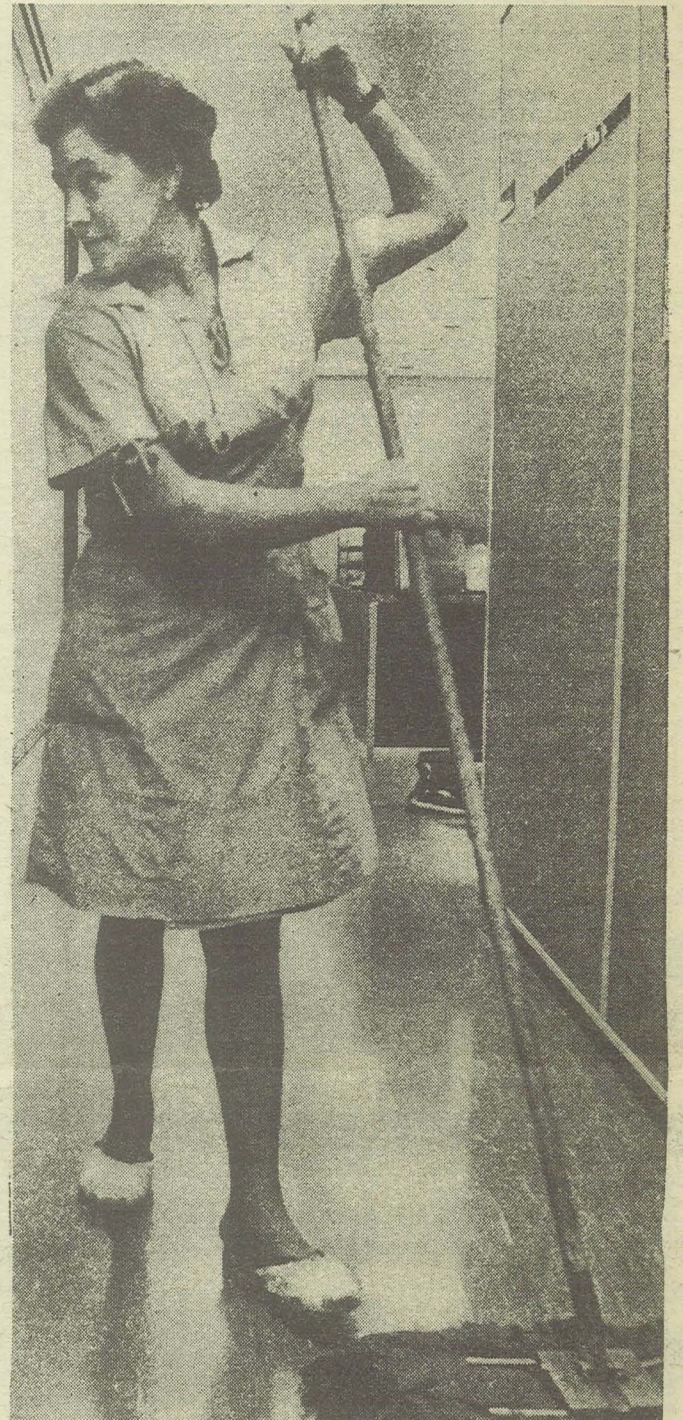
Os trabalhadores/as, com ajuda de algumas organizadoras simpatizantes, começaram a procurar justiça pelos seus próprios meios. Foram feitas muitas reuniões e gastaram-se muitas horas a contactar os representantes do sindicato, do governo, e dos jornais e televisão sobre a demanda dos trabalhadores/as. As mulheres e os homens formaram um grupo forte e unido na acção, trabalhando para o mesmo fim - justiça para os trabalhadores.

O governo de Ontario depois de ter recebido ofertas para o novo contrato de limpeza concedeu-o à "Consolidated Cleaners" por ter oferecido a oferta mais baixa.

Sidney Pratt, uma das organizadoras, telefonou à companhia "Consolidated" para saber se eles tinham alguns trabalhos abertos. Eles responderam afirmativamente e disseram que não iam meter ninguém que não fosse imigrante legalizado.

Um cálculo por alto mostra que o governo está a pagar à "Consolidated" 6 dólares por hora por cada hora que uma pessoa trabalha. Por sua vez, "Consolidated" no princípio considerava meter trabalhadores/as de limpeza a \$3.15 à hora para mulheres e \$4.00 por hora para homens, fazendo um lucro de \$2.00 por hora com os homens e de \$2.85 por hora com as mulheres. Eles não prometeram trabalhos aos tra-

Continua na página 7



A senhora Piedade Silva, uma das mulheres activas

Índios em "guerra"

Nos últimos anos os Índios do Canadá e Estados Unidos têm levantado a sua voz em protestos contra as injustiças e deploráveis condições de vida que estão sujeitos. As terras dos Índios foram-lhes tiradas, os tratados fabricados pelo homem branco não foram respeitados, confinando-os cada vez mais às reservas, onde não há trabalhos e os problemas de pobreza geram alcoolismo. Os Índios queixam-se que a sua cultura não é respeitada, nem os tratados sobre as terras. Além disso está a descobrir-se que os rios e lagos onde eles costumavam pescar para tirar os seus meios de subsistência estão a ser envenenados por um alto nível de mercúrio vindos de esgotos de fábricas, o qual ataca o sistema nervoso central e pode provocar a morte.

O protesto dos Índios está a ser cada vez maior e é feito por meio de ocupações. No ano passado ocuparam o ministério dos Negócios Índios em Ottawa e o parque de Anicinabe em Kenora. Ocuparam também uma auto-estrada em British Columbia no ano passado e prometem mais acção se o governo continuar a ignorá-los. No dia 1 de Outubro o Globe and Mail trás de novo duas acções por Índios. A Associação Índia de Alberta quer controlar as áreas petrolí-

Continua na página 2



NOVO GOVERNO - NOVA CRISE EM PORTUGAL

No dia 19 de Setembro foi empossado o novo governo, o VI desde a revolução de 25 de Abril de 1974. Este governo foi formado pelo novo primeiro ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, e é constituído por sete ministros militares, "moderados" e "independentes", quatro ministros do Partido Socialista, dois do PPD e um do Partido Comunista.

Com a crise gerada à volta de Vasco Gonçalves e a sua retirada, o novo governo é visto como uma vitória das forças militares "moderadas" e dos partidos Socialista e PPD.

Muitos partidos progressistas, alguns sectores das forças armadas, sindicatos e comissões de moradores e trabalhadores vêem neste governo, apoiado pela social democracia da Europa, um recuo e uma porta aberta para a repressão e o retorno ao fascismo. Estas previsões parece já estarem a realizar-se nos últimos acontecimentos, tais como a ocupação dos emissores e televisão pelas forças armadas, ataques da polícia ao Conselho Municipal do Porto composto por comissões de trabalhadores e os incidentes contra os trabalhadores do campo em Évora, assim como a tentativa pelo novo "Conselho da Revolução" de impor a censura aos jornais sobre a efervescência nos quartéis.

A todas estas tentativas de desmantelamento dos ganhos da revolução houve uma grande oposição, tendo muitos soldados alinhado com os trabalhadores. A Intersindical, central única dos sindicatos, no 5º aniversário da sua fundação, no dia 1 de Outubro, declarou que apenas dará um apoio condicional ao novo governo, e esse apoio apenas será dado quando este

tome medidas que correspondam aos interesses dos trabalhadores:

"Os trabalhadores apoiarão as medidas do Governo quando estas corresponderem a defesa dos seus interesses, mas denunciarão e opor-se-ão a todas aquelas que visem quebrar o ritmo do processo revolucionário, atentar contra as liberdades democráticas e a ordem revolucionária e que favoreçam os criminosos intentos da reacção", afirmou Jaime Machado, membro do secretariado da central única Sindical.

A conclusão que parece tirar-se da situação política neste momento, e que os "moderados" de tendência social democrata tem o poder político, e estão empenhados em tirar a influência às forças progressistas e revolucionárias. Todavia estas estão cada vez mais organizadas e determinadas a defender a todo o custo os ganhos que foram feitos até ao momento pela revolução.

J. Medeiros

Riso do Mês

Pergunta: O Sr. diz-me onde fica a via socialista?

Resposta: Olhe amigo, vai por esta rua até ao próximo cruzamento e aí... espere, agora não sei se volta à esquerda ou direita...

entrevista: FALA UM TRABALHADOR DE CONSTRUÇÃO

Esta é mais uma entrevista, mais um testemunho dos problemas do trabalhador imigrante. Lourenço é o seu nome. Um trabalhador que veio do campesinato, um entre tantos trabalhadores imigrantes que trabalham na construção...

Pergunta: Qual a razão da tua vinda para o Canadá?

LOURENÇO: Quando cheguei de África em 1972, da comissão militar em Angola, não arranjei trabalho na minha ilha, na Terceira, Portugal. A lavoura não pagava nada a um trabalhador. Também não havia trabalho nas fábricas e então vim para o Canadá.

Pergunta: Tiveste problemas nos primeiros tempos?

LOURENÇO: Cheguei aqui de turista, sem autorização de trabalho. Consegui arranjar trabalho na construção porque pagava melhor e até porque as fábricas que pagavam melhor era preciso falar inglês e ter licença de trabalho.

Comecei a trabalhar numa companhia e punha brita nos "basements" das casas, pagava a \$3.50 à hora. Depois de cinco ou seis meses o patrão fez-me um contrato de trabalho para a imigração. Esta companhia não tinha união e os aumentos que davam eram 15¢ ou 20¢ quando queriam. Por exemplo, davam um aumento a meio deste verão e outro no princípio da nova temporada no ano seguinte.

Quando saí de lá estava a ganhar \$4.50 mas achava que o trabalho que estava fazendo devia ser mais bem pago. Trabalhei nesta companhia um ano e meio a ganhar menos do que os trabalhadores que tinham união e ganhavam nessa altura \$6.00 ou \$6.40 à hora. Para quem trabalhava 9 horas por dia e às vezes ao sábado também e nunca éramos pagos "over-time"...

Pergunta: Isso era porque a lei dizia que o "over-time" era pago ao fim de 48 horas de trabalho, mas actualmente são 44 horas de trabalho a partir das quais os patrões são obrigados a pagar tempo e meio.

LOURENÇO: Fui então trabalhar para uma companhia de "bricklayers" que igualmente não tinha união e em que o trabalho era ainda mais duro mas sempre pagava um pouco mais.

Trabalhávamos 8,9 ou 10 horas diárias, chegando a ir trabalhar ao sábado e mesmo ao domingo, mas não nos pagavam "over-time" porque o "boss" perguntou se às horas de "over-time" podiam ficar para os dias em que chovesse, pois dizia ele, a companhia pagava muito dinheiro no fim do ano ao governo e a gente também descontava muito dinheiro. Até que concordámos todos e ele mesmo disse que não pagava mais horas e se quissemos trabalhar dessa forma "okay", senão não se fazia mais horas.

Saí desta companhia mais tarde porque eles queriam que eu servisse quatro homens ao mesmo tempo quando isso era trabalho de dois homens. O trabalho era mesmo puxado e como eles continuavam a dizer para trabalhar mais depressa, vim-me embora era meio dia, porque não vim para aqui para servir de escravo nem morrer a trabalhar...

Pergunta: Estiveste muito tempo sem trabalho?

LOURENÇO: Não, fui logo trabalhar para uma companhia chamada Dani Brothers Construction. Entrei a trabalhar e não me deram aplicação para preencher. Durante 3 dias trabalhei 30 horas, 10 horas cada dia, ora isto foi no fim do verão de 74.

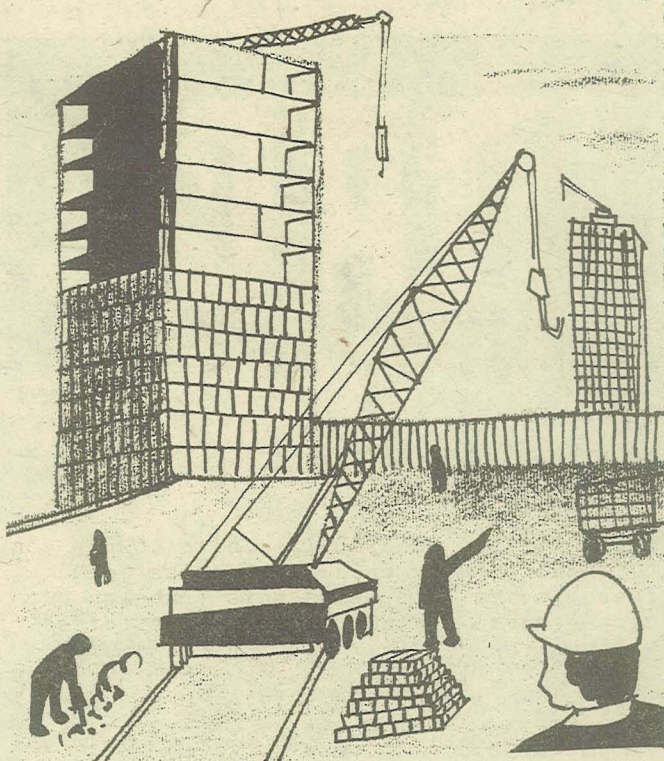
Tinha sido contratado para ganhar \$6.50 à hora. Ao fim de três dias comecei a ver que o trabalho era pesado demais, pois era carregar blocos todo o dia a uma grande velocidade. O "boss" estava sempre a mandar andar mais depressa e por isso despedi-me desta companhia.

Até hoje a companhia nunca me pagou os três dias. Uma vez telefonei para a companhia e o "boss" disse-me que não perdia tempo com três dias. Cheguei a mandar a minha direcção por um colega meu, mas nunca me mandaram o meu dinheiro, eu devia era ter ido ao Department of Labor e teria feito queixa mas decidi não perder um dia no trabalho onde estava.

No dia seguinte fui trabalhar a carregar formas para uma companhia, nessa altura eles pagavam

a \$5.00 à hora. Tal como as outras companhias não pagavam o "over-time" embora trabalhássemos 9, 10 ou onze horas por dia, mas estava perto do inverno e como queria que a companhia me desse os papéis para o "unemployment" deixei a coisa ir andando...

O trabalho ficava uma hora e 30 minutos de distância. Eles pagavam um tanto pelo tempo para transportes. Por vezes saía de casa às 5.30 da manhã e entrava para casa 8,9, 10 da noite.... O trabalho não era pesado demais.



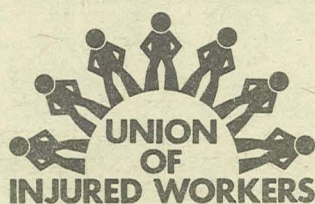
Consegui entrar para uma companhia que tinha união, isto no princípio da temporada da construção este ano. Paga 6 dolares de entrada com um aumento de 40¢ ao fim de dois meses e no começo da temporada mais 25¢ de aumento. Ora a vida está a encarecer de dia para dia e estes aumentos, embora sejam pequenos, sempre ajudam mais.

Pergunta: O que pensados trabalhadores portugueses na construção?

LOURENÇO: Os trabalhadores portugueses trabalham muitas vezes demais e aceitam muitas coisas que os "bosses" dizem. Por exemplo aceitar trabalhar 6 horas ao sábado e o "boss" em vez de pagar "over-time" paga 7 horas.

Os trabalhadores da construção como eu deviam saber melhor das leis do trabalho e dos nossos direitos na união e assim não nos deixaríamos levar pelo que os "bosses" dizem. Os trabalhadores deviam ser mais unidos.

José Borges



"UNIÃO DOS TRABALHADORES ACIDENTADOS"

MANIFESTAÇÃO

NA ABERTURA DO PARLAMENTO

Terá lugar no Queen's Park - College / University
PEDIMOS JUSTIÇA E SEGURANÇA NO TRABALHO

QUEREMOS mudanças no Acto da Compensação dos Trabalhadores e nas leis de segurança de Ontario.

QUEREMOS:

1- Os trabalhadores vítimas de acidentes devem ter garantias de trabalho e compensação igual a 100% dos ganhos que perderam.

2- Todos os exames médicos devem ser feitos por doutores independentes e não por examinadores da Junta de Compensação dos Trabalhadores.

3- As penalidades pelas condições de segurança que põem em perigo as vidas e a boa saúde dos trabalhadores no Ontario devem aumentar e devem ser rigorosamente observadas.

4- Exige que todos os pagamentos compensatórios sejam aumentados retroactivamente até a data do acidente, de acordo com os aumentos do Índice dos Preços do Consumidor e nas medidas de salário.

Para mais informações telefone:
536-7224 ou 536-8943

TRABALHADORES ACIDENTADOS UNIDOS!

TODOS SÃO BEM VINDOS!

A UNIÃO FAZ A FORÇA!

Para sua Informação

ACIDENTES NO TRABALHO E A DIRECÇÃO DA COMPENSAÇÃO DOS TRABALHADORES

Quando um trabalhador tem um acidente no trabalho, ele ou ela sofre consequências não só de natureza física. Geralmente, o acidente afecta gravemente toda a vida do trabalhador, a sua família e a sua vida social.

No Canada a segurança no trabalho é particularmente má porque as leis de segurança e de compensação servem para proteger os donos das companhias e não os trabalhadores. Para provar que a Direcção da Compensação dos Trabalhadores (Workmen's Compensation Board) em Ontario funciona como uma companhia de seguros muito barata para os patrões, tudo o que se tem a fazer é observar de perto o Acto da Compensação dos Trabalhadores (Workmen's Compensation Act). As leis que são injustas, tornam-se ainda piores porque a administração do "W.C.B." é desumana e confusa.

Eis alguns exemplos de problemas que um trabalhador ferido pode encontrar ao debater-se com o "W.C.B.". Por vezes um trabalhador que se magoa no trabalho não conta o acidente ao patrão porque pensa que o ferimento não é grave. Com o passar do tempo, o ferimento piora, porque não é tratado, e o trabalhador continua a fazer serviços pesados. O estado de saúde do trabalhador piora e ele chega ao porto onde já não é capaz de fazer o seu serviço. Então, o trabalhador tenta receber compensação para o tempo que perdeu enquanto está a recuperar. Sem ter a prova do "report" do patrão e das palavras de colegas de trabalho que servem de testemunhas, o "W.C.B." pode e vai facilmente negar que o ferimento foi resultado dum acidente de trabalho. Os trabalhadores em Ontario tem de aprender a proteger-se dum "W.C.B." que quer poupar dinheiro aos donos das companhias da Província.

É muitíssimo importante que um trabalhador comunique imediatamente um acidente, o mais pequeno que seja, ao seu patrão, ao doutor de família e a alguns colegas de trabalho. O trabalhador deve também verificar que o patrão faz o "report" de qualquer acidente ao "W.C.B.". Um trabalhador ferido no trabalho deve sempre lembrar-se que o "Board" acredita nos donos das companhias e não nos trabalhadores.

Se o ferimento for mais grave, o trabalhador deve insistir que o patrão o mande numa ambulância para o hospital mais próximo. Quando o trabalhador tiver alta do hospital deve ir imediatamente consultar o seu doutor de família. Todas as pessoas tem o direito de escolher o seu próprio doutor.

Estas são as precauções principais que cada trabalhador deve ter para se proteger. É muito importante que cada trabalhador conheça os seus direitos e como o "W.C.B." funciona.

A função principal do Sindicato dos Trabalhadores Feridos (Union of Injured Workers) é de lutar para que as leis da compensação mudem, mas se desejar qualquer informação sobre o "W.C.B." ou quaisquer detalhes sobre o seu caso em particular, telefone-nos para o numero 536-7224.

(Do jornal: Injured Workers Voice)

PARA TODA A FAMÍLIA

O Y.M.C.A. ABRE AS SUAS PORTAS AO DOMINGO

Vai realizar-se um programa de recreio e passatempo para famílias portuguesas no Y.M.C.A., 931 College St. (College e Dovercourt).

Este programa será feito durante os domingos de inverno, quando está frio e não há lugares para onde sair com a família.

O programa, de dez semanas, começará no dia 2 de Novembro e acabará no dia 4 de Janeiro. O horário é das 2 às 6 da tarde com as seguintes actividades:

Para crianças: futebol, hockey, ténis de mesa, natação e jogos de mesa.

Para adultos: voleibol, basquetbol, badminton, ténis de mesa, natação e exercícios físicos (não é obrigatório participar nestas actividades).

Haverá instrutores para todos os jogos.

Além destas actividades, haverá música portuguesa (discos), café, refrigerantes e sandwiches.

DE AOS SEUS FILHOS UM PASSATEMPO AGRADÁVEL

Para se inscrever telefone, quanto antes, para João Medeiros--536-1166 das 10 às 5 da tarde.

Preço: \$1 dolar por família por domingo.

CHILE

Passou no dia 11 de Novembro mais um aniversário do assassinio do presidente do Chile, Allende, morto pelas forças fascistas da Junta Militar Chilena, chefiada pelo general Pinochet. Este tem deixado o povo chileno na miséria e feito que em cada família haja uma pessoa ausente, exilada, prisioneira ou morta... O Canada reconhece o regime fascista de Pinochet. Solidariedade com o povo Chileno.

ÍNDIOS

Continuação da página 1

feras de Athabasca que são a maior fonte de gás natural e que não tem beneficiado nada os Índios. Em Toronto uma delegação do Movimento Indiano Americano apresentou as suas exigências ao governo federal, que incluem a resignação de Judd Buchanan Ministro dos Assuntos Indianos e a nomeação de um Índio como director regional de Departamento dos Assuntos Índios. Além disso, deram seis meses ao Governo para responder as suas exigências, ou então ocuparão os escritórios de Governo federal e St. Clair Avenue East. Os Índios outrora doros de todo o território estão em pé de guerra e irão para a frente com outras acções se o governo Federal e os governos Provinciais não lhes derem uma satisfatória resposta.

ibéria furniture

CASA PORTUGUESA DE MOBÍLIAS
PROP. JAIME MONTEIRO

547 COLLEGE ST. PHONE:
TORONTO, ONT. M6G 1A9 967-5630

IMIGRAÇÃO : EXPLORAÇÃO DE TRABALHADORES

Desde há três anos para cá observa-se que a vozearia sobre a imigração no Canadá se levanta por alturas de Setembro e não termina senão la para Março ou Abril. Essa vozearia é levantada por jornais, cartas ao editor, estudos que aparecem imediatamente como por encanto, e comentários do Ministro da Imigração. Essas vozes calam-se durante os meses de verão, enquanto os imigrantes ilegais servem bem e barato para fazer as colheitas nos campos ou encher os lugares nas construções e fábricas onde o trabalho não tem mãos a medir.

No outono, porém, é outra cantiga: o frio aparece, o número de desempregados aumenta e o alarme toca. Toda a gente começa a gritar que há imigrantes a mais, os jornais trazem histórias exóticas e muitas estatísticas e o ministro começa a dizer que vai fazer qualquer coisa. Os oficiais da imigração mandam gente embora, ou não renovam contratos de trabalho, e a polícia é mandada capturar pessoas á meia noite. Isto é, a traços largos, o que se vem notando na imprensa ultimamente.

As leis que se anunciam para reformar a imigração desde há anos levam tempo a aparecer e o que se adivinha é que tudo ficara na mesma, porque este sistema de imigração legal e ilegal é muito do agrado da indústria canadiana para obter mão de obra barata. A evidência está há vista: mais de uma centena de mulheres Portuguesas que trabalham na limpeza dos próprios edifícios do Governo Provincial, foram despedidas pelo sub-contractor do Modern Building, quando estas estavam a negociar um novo contrato e pediam um salário igual a outras trabalhadores de limpeza. Há dois anos aconteceu o mesmo com uns trinta homens Portugueses noutra companhia de limpeza.

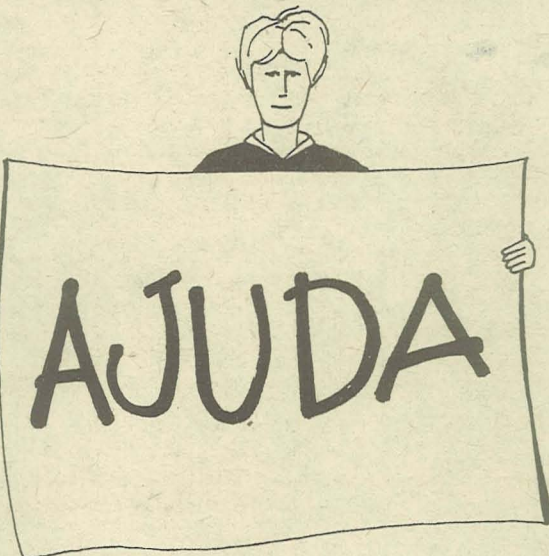
Essas companhias precisam desses trabalhadores e trabalhadoras, mas apenas mudam o nome para se verem livres do contracto sindical, para dividirem os trabalhadores e pagarem salários mais baixos.

E por isso que a Imigração é uma importação de mão-de-obra barata para a indústria. O governo do Canadá colabora para que assim sejam explorados os trabalhadores.

Todas as manobras do patronato para desorganizar e dividir trabalhadores a fim de melhor explorá-los devem ser combatidas.

Todos os imigrantes trabalhadores devem unir-se para protecção dos seus interesses.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO...931 College St., Toronto, Ontario, Canada M6H 1A1, Telefone 535-8616
PUBLICAÇÃO DE.....Movimento Comunitário Português
EDITOR.....Domingos Marques
COMPOSIÇÃO.....A. Jorge Mendonça
ILUSTRAÇÃO.....Gilberto Prioste
PUBLICIDADE.....Frank Pacheco
DISTRIBUIÇÃO.....Arnaldo Amaral e José H. Borges



O jornal "COMUNIDADE" é feito apenas com o trabalho e dedicação de pessoas voluntárias. Todavia nós temos mais trabalho que mão-de-obra. Pedimos os nossos leitores que queiram ajudar, mesmo que seja umas horas por semana ou por mês para entrar em contacto connosco. Se tivermos mais pessoas a ajudar faremos um trabalho melhor. Há coisas muito diferentes a fazer e todo o tipo de ajuda é necessário.

Contacte Domingos Marques pelo telefone 535-8616 das 7 às 9 da noite ou venha as reuniões da 4ª feira às sete horas no 931 College St.

COMUNICADO

Os Serviços de Interpretação e Assistência Social para portugueses -401 College St. -, participam que brevemente fecharão as portas por falta de subsídios. Foi feita aplicação para tais fundos ao governo de William Davis, mas este governo ignora completamente as necessidades sociais dos imigrantes em geral, e dos portugueses neste caso.

O pessoal do escritório vai dedicar a maioria do seu tempo a organizar uma campanha na comunidade portuguesa para informar a comunidade da atitude e filosofia do governo da Província de Ontário, assim como associar-se com outros grupos de imigrantes para lutar pelos seus direitos.

Lamentamos portanto informar que os nossos serviços não podem ter o escritório aberto 5 dias por semana.

Este problema será apresentado numa reunião que terá lugar Quarta-feira, dia 8 de outubro, às 7 horas da noite, na Escola da Kensington.

Não falte.

A imprensa a televisão estarão presentes.
"LUTEMOS PELOS DIREITOS DOS IMIGRANTES"

help help

Presentemente estamos a usar uma máquina da IBM, alugada para escrever o jornal e a um custo de \$37.00 por mês. Porque achamos que é uma despesa muito grande ao fim do ano, decidimos comprar uma. O custo dela é \$752.00 mais "taxes" e não podemos estar a usar o dinheiro dos assinantes, pois ficaríamos sem um tostão ao fim de poucos meses.

ENVIE O QUE PUDER. MAS ENVIE. Dê o valor de 5 minutos de trabalho, uma hora ou um dia, conforme as suas possibilidades. O sucesso da nossa comunidade pode depender do futuro deste jornal que é seu afinal.

Envie o que puder para: FUNDO S.O.S.I.B.M.75
Comunidade 931 College St. Toronto.

APRENDA A LER E ESCREVER

Muitos dos que andaram a bater às portas das pessoas portuguesas para vender o jornal "Comunidade" descobriram com grande surpresa, que muita gente não podia assinar o jornal porque não sabia ler. Entre essas pessoas analfabetas muitos deles, homens e mulheres, são ainda novos e pais de crianças pequenas. Sabemos bem que essas pessoas não podem ler este anúncio, pois se o lessem já não seriam analfabetos. Mas pedimos a todos os nossos leitores que conheçam pessoas analfabetas para lhes dizerem que nós vamos organizar um curso para ensinar a ler e escrever Português.

Pedimos também a todas as pessoas que têm capacidade de ensinar Português para entrarem em contacto connosco. Temos um método que torna a alfabetização muito fácil.

Tanto as pessoas que querem aprender Português, como as que desejam ensinar devem telefonar para

João Medeiros--536-1166 (das 10 às 5)
537-6801 (das 6 às 9).

Amigos do Jornal

Publicamos a seguir o nome das pessoas que durante o mês de Setembro quiseram apoiar o jornal "Comunidade", pagando a sua assinatura anual e ficando assim a pertencer ao Movimento Comunitário Português.

A todos agradecemos e prometemos continuar a defender os nossos objectivos de luta pelos interesses do imigrante português.

António Aguiar, Angelo Almeida, Maria Almeida, Eduardo Amaral, Lúcia Amaral, Fernando Andrade, António Arsénio, Fátima Arruda, José Augusto, Florinda Azevedo, Francisco Azevedo, José Barcelos, António Benjamin, Armindo Bento, José Bettencourt, João de Borba, Manuel Borba, António Borges, Hermínio Borges, João Borges, João Borges, José Borges, Manuel Cabral, João Anastácio Caneco, Manuel Carrabau, José Carvalho, Lúcia Carvalho, Laura Coelho, Coimbra Travel Agency, Laura Correia, Teresa Correia, Dinis Costa, Maria de Fátima Costa, Armando Couto, Maria Couto, Mr. Dinis, Manuel G. Dias, N.D.P. Dovercourt, Armando P. Duarte, Bart Durber, José Dutra, Maria Dutra, Feliciano Estragadinho, Maria Alice Faria, Padre Joao Faria, Fernando Ferreira, Manuel Ferreira, Tomás B. Ferreira, Almiro da Fonseca, Joaquim Fonseca, José Fontes, Edmundo Freitas, Palmira Freitas, Maria J. Furtado, António Garcia, Duarte Gonçalo, Rosa Góis, José Gomes, Armando Gonçalves, José Grilo, David Higgs, José Julio, António Lampreia, Manuel Lazaro, Dina Martinheira, António Martins, Cipriana Martins, Eduardo Martins, Jaime Matos, António Medeiros, Carlos de Medeiros, José Medeiros, Miguel Medeiros, Melo Barber Shop, Gil Melo, Lafayette Melo, Norberto Melo, Victor Mendes, António Mendonça, Jorge de Mendonça, Jorge Mesquita, Jaime Monteiro, Ede Moraes, Júlio Moreira, José Pereira Nazare, António Neto, Deolinda Neves, Fernando de Oliveira, Maria Palma, José S. Pereira, Raul Pereira, João Picão, Fernando Pinguelo, Domingos S. Pinto, José Ponceano, Teresa Ponte, Elias Ramos, João Carlos Raposo, Manuel Raposo, Amadeu Rebelo, António Reis, Eduino Ribeiro, Manuel Ribeiro, António Rodrigues, Carlos Rodrigues, Carvalho Rosário, Abílio Santos, José Santos, Angelo Silva, Francisco da Silva, José da Silva, Maria da Silva, Olivia Silva, José Sobral, Humberto de Sousa, José de Sousa, José Tavares, Manuel da Torre, Bouções Traucoso, Victória de Setúbal, Lourdes Vieira, Manuel Vital

Esperamos que a lista aumente no próximo mês. Tal depende de si. Arranje um amigo assinante. Ofereça-lhe uma assinatura pelos anos ou pelo Natal.

FESTA FAMILIAR

NO DIA 25 DE OUTUBRO HAVERÁ UMA FESTA FAMILIAR PROMOVIDA PELO JORNAL COMUNIDADE NO SALÃO DO YMCA 931 COLLEGE ST. A COMEÇAR, ÀS 7 HORAS DA TARDE.

HAVERÁ BOA MÚSICA, DANÇA, BEBIDA E UM FILME PORTUGUÊS.

DOMINGOS MARQUES FALARÁ SOBRE O TEMA: "A NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE"

Telefone com antecedência para marcar o seu lugar e o de seus amigos ou familiares. Todos dias das 7 às 9 da noite-535-8616 A entrada é grátis.

Rapazes e Raparigas

Precisam-se PARA VENDER O JORNAL COMUNIDADE.

GRANDE OPORTUNIDADE PARA JUNTAR UM MEALHEIRO.

GANHARÁ 10¢ EM CADA JORNAL QUE VENDER.

CONTACTE JÁ José Henrique, 535-8616

TODOS OS DIAS ENTRE AS 7 E AS 9 DA NOITE.

Canaguês



DUAS COMUNIDADES

Passei três dias (26, 27 e 28 de Setembro) em Winnipeg, capital de Manitoba a convite do Ministério Provincial da Educação para participar num seminário organizado com um grupo de portugueses e chilenos com o fim de organizar um Centro Imigrante de Educação. (Immigrant Learning Centre).

Para esse seminário foi convidado também Manuel Farrajota, presidente do Centro Português de Referência e Promoção Social que serve a comunidade Portuguesa de Montreal.

Como estou sempre interessado em saber como estão organizados os nossos conterrâneos portugueses em outras comunidades, e de saber como vivem e que problemas enfrentam, fiz muitas perguntas a pessoas portuguesas que lá encontrei sobre as duas comunidades portuguesas de Winnipeg e Montreal.

A comunidade portuguesa de Winnipeg, que existe há mais de quinze anos, conta actualmente entre 10 e 12 mil portugueses, sendo cerca de 60 por cento açorianos e os restantes do continente e outras partes de Portugal.

Em relação ao trabalho, disseram-me que uma grande parte dos homens partem para o norte da Província para trabalhar em minas e construções, onde fazem entre 1.000 e 2.000 dólares por mês. A restante família (mãe e filhos) fica em geral em Winnipeg, esperando pelo rigor do inverno para que o marido se lhes junte. A propósito, Winnipeg tem um clima muito mais áspero que Toronto, contando-se seis meses de inverno rigoroso, chegando as temperaturas a atingir 30 e 40 graus abaixo de zero (Fahrenheit). As mulheres trabalham em geral na limpeza ou em fábricas de costura na cidade, mas os salários são mínimos e o trabalho pesado.

A maior parte das pessoas ainda não fala inglês e os problemas de educação que as crianças enfrentam são muito semelhantes aos de Toronto.

A comunidade tem apenas uma organização chamada a Associação Portuguesa de Manitoba Inc. que conta cerca de 500 membros, e mantém várias actividades sociais tais como bailes, além de ter um clube de futebol e uma secção que promove o ensino da língua portuguesa para crianças. Há apenas um padre na comunidade, o qual arrenda uma igreja por 400 dólares por mês para o serviço religioso dos portugueses.

Há oito meses para cá uma comissão co-ordenadora está a organizar os pais portugueses e chilenos para fundarem o Centro de Educação do Imigrante que tem por objectivo adaptar o programa das escolas para servir melhor o ensino das crianças imigrantes, adaptar o ensino de inglês para adultos, segundo as suas necessidades, e prestar assistência e informação sobre os direitos dos imigrantes.

Um senhor que veio há conferência disse-me que os portugueses se mostram ainda muito individualistas e pouco activos para se juntarem e resolverem os seus problemas. Disse também que existe muitos problemas familiares (casos de separação entre marido e mulher, lutas entre pais e filhos). Segundo ele isso deve-se ao facto de as famílias viverem muito tempo separadas e de os pais não darem a atenção devida aos filhos por andarem os dois a trabalhar. Disse como exemplo de ganância de alguns pais, que estes chegam a tirar os filhos e filhas da escola aos 14 anos por causa de receberem o seu cheque. Segundo ele, estes pais não sabem o mal que estão a fazer.

Notei que o não saber falar inglês, falta de informação, e sobretudo o individualismo era o que me diziam que caracterizava a comunidade de Winnipeg. Mas também me disseram que o nível de educação, e o passado dos portugueses, assim como um ambiente de competição existente na sociedade canadiana, conta para que tais atitudes existam.

Manuel Farrajota, de Montreal, contou-me também como está organizado o Centro de Referência e de Promoção Social e como várias organizações e clubes co-operam nesse Centro numa espécie de federação para defender os interesses dos portugueses. Este Centro que iniciou em 1972 com oito empregados, tem actualmente cinco empregados pagos pela Manpower e faz um trabalho de informação, assistência social, promoção social e cultural. Segundo me contou, este Centro tem hoje um grande nome em Montreal, e é sem dúvida a organização portuguesa mais activa na defesa e promoção da comunidade que conta actualmente 40.000 pessoas.

Foi útil a minha viagem, não apenas para a participação no seminário, mas também para saber o que se passa entre duas comunidades portuguesas. Seria bom fazer uma análise de todas as comunidades portuguesas, grandes e pequenas, espalhadas pelo Canadá. Precisamos de saber onde estamos, quantos somos, que problemas temos e o que estamos a fazer para os resolver.

E todos nós podemos aprender da experiência dos outros.

João Medeiros

REUNIÃO PÚBLICA SOBRE EDUCAÇÃO

Quarta-feira, dia 15 de Outubro, as 7:30 pm, na Escola da Kensington, 401 College Street.

Quem estiver interessado pode obter cópias em português das recomendações do Estudo, telefonando para 362-4931, ext. 325.

Estarão presentes na reunião os representantes locais da Direcção Escolar.

O VINHO É A CULTURA

Continuação da página 1

seu vinho. Uvas, prensas, barris e tantos outros artigos para fazer vinho existiam já na área da Caledonia Rd. e os portugueses conseguiram assim, desde o princípio, satisfazer uma necessidade que lhes foi transmitida pelos seus antepassados.

Fazer vinho em casa é uma coisa simples. Pode até não significar nada para muitos homens que não são observadores atentos da vida difícil e honesta que tantos imigrantes vivem dia a dia. Para muitos, coisas simples como esta passam despercebidas a muitos chefes e dirigentes do governo que, emaranhados tantas vezes na burocracia do sistema, não têm tempo nem "pachorra" para compreender as tradições culturais de tantos grupos étnicos que vivem na sociedade canadiana.

A propósito vou contar-lhes uma história que parece irreal, mas é autêntica. Sucedeu há dias quando telefonei a um departamento do governo para conseguir alguma informação acerca das leis que regulam a produção do vinho. Querem saber a história, não é verdade? Bem vamos e ela.

Depois de me ter identificado a secretária deste senhor (afinal se não fosse o editor -que título. -talvez não poderia ter tido a honra), finalmente:

-Está lá?...

-Está...

-Eu sou o editor dum jornal comunitário português. Gostaria de conseguir informação acerca das leis que regulam a produção do vinho. Sabe certamente, que neste momento há muitas pessoas a fazer vinho em suas casas. Talvez fosse importante publicar os regulamentos para que todos os portugueses saibam o que é e o que não é proibido...

-Oh...é muito fácil. As leis são mais que conhecidas. Qualquer pessoa que faça vinho para consumo caseiro até cem galões necessita duma licença escrita de Ottawa...

-O quê?

-E para fazer mais do que cem galões é necessário além dessa licença uma outra autorização do Liquor Control Board...

-Mas... isso é verdade? Há milhares de pessoas por esta cidade fora que fazem vinho--e não o fazem às escondidas!--e... eu não posso publicar uma coisa destas. Ninguém me acreditará... Que autoridade tenho eu...?

-Se o senhor quer saber a legislação em rela...

-Okey... eu vou ver...

Pouco depois decidi telefonar para um outro departamento do Liquor Control Board.

-Está?...

-É verdade que... e contei-lhe a mesma história.

-Bem... sabe... essa é a lei... mas as pessoas fazem vinho em pequenas quantidades, não é verdade?

-Pois claro...

-Nesse caso é melhor não falar em tais leis. Não diga nada, para não os "chatear"...

-Sabe... o que eu queria era informação útil...

-Mas... esqueça-se.

Fim da história. Perceberam?

O povo português gosta de fazer o seu vinho. Isso não é bom nem mau. É como é. Faz parte da tradição portuguesa. Ajuda o imigrante a identificar-se. Não o deve inferiorizar. O vinho, aliás, teve desde sempre um papel importante na vida dos povos.



Desde os tempos mais primitivos o vinho foi um elemento importante por ocasião do casamento, nascimento, morte, cerimónias, e outros momentos importantes da vida do homem.

Durante os tempos dos Gregos e dos Romanos, o vinho era a bebida principal nas cidades enquanto a cerveja era usada nos lugares mais pobres.

Quando os mosteiros começaram a aparecer na Europa, a produção de vinho tornou-se um ponto essencial no suporte financeiro daquelas instituições.

Enfim, fazer vinho é uma coisa muito antiga. A qualidade do vinho depende da qualidade das uvas do qual é feito e estas, por sua vez, estão sujeitas a diferentes temperaturas, mudança de tempo, sol, etc.

A uva é esmagada e espremida, o mosto fermenta e aí temos o vinho pronto a beber dentro dum mês! Toda a gente sabe isto. Todos fazem assim. Há, no entanto, uma grande variedade e diferença de métodos entre os portugueses do norte e do sul, do Alentejo e das Beiras, dos Açores e da Madeira; enfim, um sem fim de pequenas coisas que fazem cada região caracterizada nos hábitos e tradições. E estas diferenças de costumes acompanham as pessoas para qualquer lado do mundo.

Em Toronto fizemos uma ronda pela comunidade. Todos estão na azáfama de fazer o vinho. Alguns já o fizeram, outros estão a fazê-lo e outros hão-de fa-



**É Uvas que procura?
Barris? Prensas?**

TELEFONE JÁ PARA A.GASPAR 537-8088

OU VENHA PESSOALMENTE TER CONNOSCO.

**LAKEVIEW
FRUIT MARKET**

2-A LAKEVIEW AVENUE (Dundas Street W.)
(SO UM BLOCO OESTE DA OSSINGTON)

TORONTO, 145 ONTARIO

Tel.: Bus. 537-8088

URA PORTUGUESA

zer. "Tem tempo", disse-me o senhor Norberto Dias, "lá para o fim do mês! Ainda é preciso limpar a adega e preparar os barris".

Encontrámos pequenas diferenças na maneira de preparar o vinho. O Sr. João Quintal, por exemplo, explicou-nos, com interesse, a sua maneira.

A diferença principal é que o vinho que nós Madeirenses fazemos ferve no barril. O meu inquilino que é dos Açores, esmaga as uvas, espreme-as na prensa e deixa tudo a fermentar durante 3 ou 4 semanas. Eu, depois de espremidas as uvas, ponho o vinho no barril. Ali ele ferve 3 ou 4 semanas. Depois limpo a borra e tapo o barril. A diferença? O vinho fica mais leve e mais puro; uma delícia!

Todos os entrevistados defenderam, no entanto, o

seu método, orgulhando-se dos resultados conseguidos. Todos nós gostamos das nossas coisas. E mal seria se assim não fosse.

A quantidade de vinho depende do tamanho da família. Uns gostam dum copo mais forte, outros preferem um vinho leve. Muitos fazem vinho branco separadamente, para temperos de carne.

Encontrámos ainda quem fosse apanhar as próprias uvas ao campo. O Sr. Francisco Marques, por exemplo, descobriu uma vinha em Hamilton e foi com a sua família vindimar. As vantagens? Melhor selecção de uvas, melhor preço e acima de tudo, um momento nostálgico, uma fuga à vida da cidade de Toronto, enfim uma tarde bem passada.

Domingos Marques



O senhor Gino, proprietário do "Farm", despede-se da família Marques que, terminada a vindima, olha sorridente os cestos cheios de uva. Uma tarde que lhes fez recordar a vindima em Portugal.

LEIS QUE REGULAM BEBIDAS ALCOÓLICAS

Para se compreender as leis que regulam o fabrico, venda e consumo de bebidas alcoólicas no Canadá de língua Inglesa, é necessário conhecer um pouco do período que precedeu essas leis.

Desde que os primeiros colonos chegaram à América do Norte, o consumo de álcool era livre. Acreditava-se mesmo que as bebidas tinham valor terapêutico e revigorante. No exército os soldados recebiam uma ração diária de rum. Para o agricultor a desbravar florestas, era inconcebível trabalhar sem qualquer coisa que lhe desse força. O consumo de álcool era

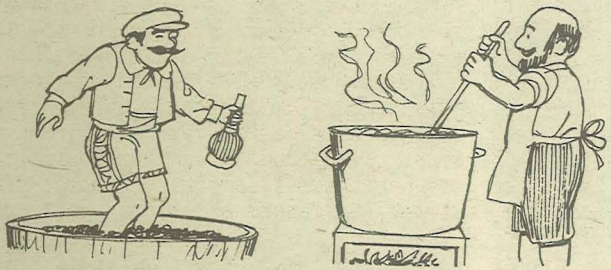
Estados Unidos. Esta cláusula, a décima oitava emenda, proibia o fabrico, venda, ou transporte de bebidas intoxicantes. Só em 1933, a 21ª emenda aboliu tal lei. Durante os treze anos de lei seca, o crime nos Estados Unidos atingiu proporções nunca vistas pelos proponentes da lei seca. Fortunas ilegais foram feitas pelos gangsters que se dedicaram à venda e fabrico das bebidas que os Americanos nunca deixaram de consumir.

Aqui no Ontario, o movimento proibicionista atingiu o seu auge durante e pouco após a 1ª guerra mundial. O primeiro Acto foi estabelecido em 1916 proibindo o fabrico e venda, como medida de emergência, para ajudar o esforço da guerra. Em 1919, com a ajuda das mulheres, a quem o voto fora dado em 1917, um referendo proibiu com uma maioria de 400 mil votos o fabrico e venda de álcool, introduzindo a lei seca nesta Província.

Para um europeu é difícil compreender como uma geração inteira podia proibir-se o direito de beber. Mas na Europa não houve período nenhum que possa comparar-se com a colonização do Oeste, onde para o homem as únicas distrações seriam um pouco de sexo (não muito pois os puritanos consideravam-no ainda mais vil que os católicos...) e muitas bebedeiras... Para as mulheres falar das vizinhas seria a única distração. A América do Norte era o mundo novo, mundo das horas ideais.

O povo do Ontário não podia deixar de seguir o rumo dos Estados Unidos e das outras províncias anglofónicas. Só o Quebec mostrou um pouco de originalidade, controlando a venda, mas não a proibindo.

No entanto o período seco durou pouco. Em 1921 um plebiscito é convocado para decidir sobre a importação de bebidas. A maioria foi apenas de 33 mil. Em 1923 a província de Manitoba aceita a venda de vinho, cerveja e licor em estabelecimentos do governo. Nesse mesmo ano é eleito no Ontario um governo que favorece o fim da proibição. Esse governo permite a venda de cerveja com 4,4 por cento de álcool. Em 1926 o premier Ferguson dissolve o governo e convoca eleições. Os partidos contestam-se quase unicamente no assunto da reintrodução de bebidas alcoólicas na Província sob o controle do governo. Os conservadores são eleitos com maioria, e em 1927 é introduzido o liquor Control Act of Ontario. Até aos nossos dias, com pequenas modificações, esse Acto é a lei que rege o fabrico, venda e consumo de bebidas alcoólicas nesta província.



portanto facto universalmente aceite. A bebida mais popular era o wiskey, conseguido facilmente da destilação do centeio e trigo. Por ser facilmente conseguido, passou a ser exageradamente consumido. Os locais de consumo multiplicavam-se nas cidades da fronteira a um ritmo vertiginoso. Em Winnipeg havia 100 habitantes em 1870; 215 em 1871; 1.467 em 1872; 3.700 em 1874; e 5.000 em 1875. Em 1881 havia 64 hotéis com saloons, 5 fábricas de cerveja, 24 lojas de bebidas, isto para servir uma população de 8.000. Em 1882 o número de hotéis subira para 86, e havia 64 mercearias a vender wiskey à garrafa.

Os saloons não eram lugares onde se juntavam os amigos para "beber um copo" e conversar. Eram lugares sem mesas nem cadeiras onde se bebia wiskey a 25¢ por duas onças, com um copo de cerveja para limpar a garganta. Ia-se ao saloon ao sábado à noite única e simplesmente para apanhar uma bebedeira.

Assim eram todas as cidades que se iam levantando pelo Oeste Norte Americano. Foi no meio deste excesso que começaram a levantar-se as vozes clamando pela proibição de bebidas alcoólicas. Os primeiros protestos começaram com os grupos religiosos. O domingo era estritamente observado, mas alguns dos homens estavam ainda bêbados, pelo que não atendiam os serviços religiosos. Assim começou o movimento proibicionista. Aliadas às razões morais, havia razões económicas: Dias perdidos, acidentes de trabalho, tudo contribuiu para o reforço do movimento.

Nos Estados Unidos este ganhou tal força que em 1920 foi adicionada uma cláusula a constituição dos

Vitória de Cesar Chavez

Cesar Chavez é hoje um homem conhecido em toda a América do Norte e muitos países do mundo como o organizador dos pobres trabalhadores imigrantes dos campos da Califórnia. Estes trabalhadores, em número de 250.000 mil, têm péssimas condições de trabalho: salários miseráveis, exploração do trabalho das crianças, falta de água fresca e quartos de banho.

Cesar Chavez começou por organizar sindicatos de trabalhadores do campo para os defender da exploração cruel a que eles estão sujeitos. Mas os donos das grandes propriedades que cultivam vinha, frutas e alface, para continuarem a explorar os trabalhadores, arranjaram outro sindicato, os Teamsters, que faziam contratos de acordo com os desejos do patrão (sweet-heart contracts) e intimidavam os trabalhadores por meio de violência e da prisão. Como os sindicatos dos Teamsters foram impostos ilegalmente, Cesar Chavez exigiu que os trabalhadores tivessem a liberdade de votar no sindicato que queriam que os representasse.

Sob grande pressão de Cesar Chavez, sobretudo depois de ele organizar um boicote por todas as cidades Americanas e Canadianas para não comprarem uvas e alface da Califórnia passou recentemente uma lei pela qual os trabalhadores votam para escolherem o sindicato.

No mês de Setembro deste ano houve votos e o seu já célebre sindicato, chamado FARM WORKERS UNION já ganhou o direito de representar os trabalhadores do campo em mais de uma centena de ranchos. Esta é uma grande vitória de Cesar, apesar de, segundo ele, ter havido irregularidades nos votos e intimidação da parte do patronato.

Em Toronto, nos últimos três anos, o arcebispo da Igreja Católica, o Presidente da Câmara de Toronto, David Crombie, e muitos sindicatos do Canadá, têm apoiado o boicote às uvas e alface da Califórnia para obrigar os cultivadores a deixar os trabalhadores escolherem o seu sindicato.

Apesar destas grandes vitórias a luta de Cesar ainda não terminou, por isso ele precisa do nosso apoio. Esta luta é um exemplo para a organização de todos os trabalhadores do campo e da cidade que não estão sindicalizados e por isso são muito explorados.

EXPERIMENTE MISTURAR O VINHO PARA OS SEUS FILHOS

com

Refrigerantes: gasosa, cola e laranjada

Sia Beverages Ltd.

78 SUMMIT AVE. TORONTO, ONT. Tel. 651-3871



Espingardas e artigos para Caçar

TINTAS C.V., ARTIGOS DOMÉSTICOS, FERRAMENTAS

E ARTIGOS ELÉCTRICOS E DE CANALIZAÇÃO

S. JOSÉ

HOME HARDWARE

Telefones 923-7128 e 923-6122



Uvas

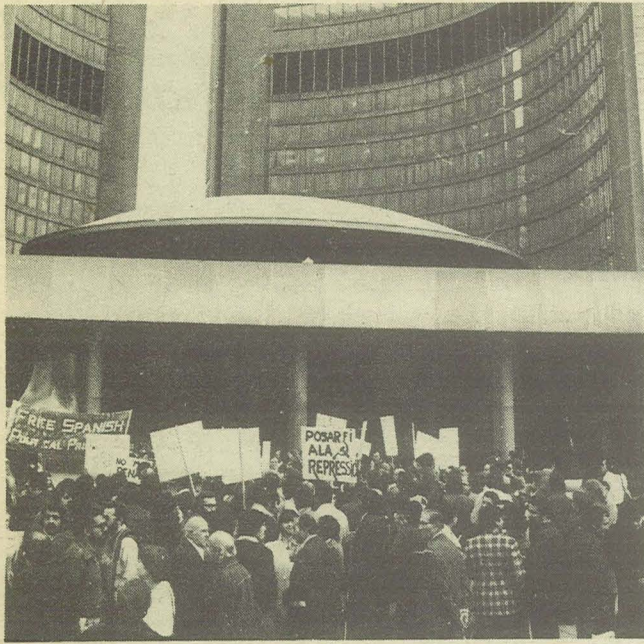


E EQUIPAMENTO PARA FAZER O SEU VINHO.

556 College St. Toronto

REVOLUCIONÁRIO PORTUGUÊS

ENTREVISTA



Um aspecto da manifestação na City Hall-Toronto.

MANIFESTAÇÃO

No passado sábado, 27 de Setembro a meio dia realizou-se uma manifestação em Toronto contra o regime fascista e repressivo de Franco, e em especial/contras a execução de cinco guerrilheiros acusados de terem morto polícias.

A manifestação em princípio tinha sido contra a execução dos 11 condenados à morte mas mais tarde o governo espanhol retirou a pena de morte sobre cinco dos condenados no qual estavam incluídas duas mulheres grávidas.

Cerca de 200 pessoas juntaram-se junto do City Hall para protestarem contra as execuções. Esta manifestação tinha o suporte de várias organizações e partidos. Também esteve presente um grupo de pessoas portuguesas que quiseram mostrar a sua solidariedade para com o povo espanhol e contra o regime fascista e repressivo do Franco.

Foram mandados vários telegramas ao governo canadiano para cortar relações com Espanha e protestar junto do governo espanhol contra execuções.

O mais patético para todos os que se encontravam para protestar foi irmos protestar contra as penas de morte de 5 jovens já tinham sido executados o que criou um clima de bastante solidariedade.

Entre as pessoas que falaram, MPP Jan Duzshta (NDP- Parkdale) disse que tinha lido no Globe and Mail de manhã que cinco guerrilheiros que tinham matado polícias tinham sido fusilados. Duzshta criticou este jornal por ter escondido as razões políticas e a opressão e exploração do povo espanhol.

Disse também que podia lembrar-se das tropas fascistas espanholas a entrarem na Polónia com as tropas alemãs de Hitler em 1944. Segundo ele o governo canadiano devia cortar relações diplomáticas com a Espanha.

Entre vários grupos antifascistas disse-se a certa altura que na última reunião da NATO todos os membros votaram contra a entrada da Espanha nesta organização, e que apenas os Estados Unidos e o Canadá tinham votado a favor.

Depois de serem gritadas palavras de ordem como "Franco assassino", "liberdade, liberdade" as pessoas dispersaram calmamente.

José Borges

O Fascismo de Franco

O mundo não perdoa ao Franco assassino. Em Madrid, Barcelona e Burgos, pelotões de fuzileiros destruíram vidas de cinco jovens, cinco patriotas, cujo crime foi lutar pela liberdade que tem sido espiada desde há 40 anos na Espanha.

Governantes de muitos países, incluindo o Papa pediram clemência, mas a vontade de um tirano octogenário tinha de ser feita: matar depois de um julgamento militar sem defesa. Multidões iradas manifestaram-se em numerosas capitais da Europa gritando "Franco assassino".

Os embaixadores de muitos países foram chamados aos seus países como gesto de indignação. Todas as pessoas que amam a liberdade, a paz e a democracia para todos os povos devem solidarizar-se e mostrar a sua repulsa por regimes e governantes que para protegerem certos grupos e manterem a exploração recorrem à repressão social e política, retiram ao povo e sobretudo aos trabalhadores a liberdade, não os deixam organizar, e quando eles se revoltam, matam-nos.

No dia 26 de Setembro realizou-se uma conferência sobre Portugal, aqui em Toronto, convocada pelo agrupamento político Canadiano "Independent Socialists", em colaboração com "Informações Comité-Luta". Em nome do Comité falou um dos seus militantes dizendo que "pretendem fazer frente aos fascistas da comunidade dum maneira revolucionária e através da dinamização dos operários-emigrantes, e que ao mesmo tempo apoiam as forças revolucionárias que agora lutam pelo poder trabalhador em Portugal e Canada.

Registou-se a presença de Joel Geier, secretário-geral dos Socialistas Internacionais (E.U.A.), recentemente chegado de Portugal. Este falou sobre a importância dum revolução Portuguesa como modelo para a classe trabalhadora Norte-Americana.

Por último, falou o soldado Português António Silva, e militante do Partido Revolucionário do Proletariado - Brigadas Revolucionárias (P.R.P.-B.R.), que foi convidado para falar em 10 cidades da América do Norte, acerca da luta dos trabalhadores em Portugal. Ali foi eleito para representar a sua unidade no Conselho Revolucionário de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros. O Conselho é constituído pelos representantes de Comités das fábricas escritórios e quartéis em Portugal.

Portanto, achamos que esta entrevista concedida por António Silva ao jornal "Comunidade" tem grande interesse para a comunidade Portuguesa, pois através dum soldado militante e trabalhador, verificamos a justa luta destes contra todas as forças reaccionárias e exploradoras em Portugal. Desde já queremos agradecer ao soldado António Silva pela sua colaboração enquanto esteve aqui em Toronto.

Pergunta:

Como analisa a actual situação política em Portugal, focando certos problemas sócio-económicos e as possíveis soluções que o Sexto Governo Provisório irá tentar apresentar como alternativas?

Resposta: "A SITUAÇÃO ECONÓMICA' POLÍTICA E MILITAR"

A economia está muito má, as empresas Portuguesas encontram-se em dificuldades porque:

1- A crise geral do capitalismo em Portugal adquire forma mais aguda, por ser uma economia dominada pelo imperialismo.

2- Sofreu um boicote deliberado, por todos os capitalistas nacionais e estrangeiros.

A crise política resulta da luta de classes entre trabalhadores e burguesia e em que cada militar fez a sua opção. Portanto podemos caracterizar Portugal numa situação de duas forças opostas à procura do poder:

1- O poder da burguesia - representado por o Sexto Governo Provisório, por oficiais do MFA e por todos os partidos da direita e extrema-direita.

2- Poder dos trabalhadores representado pelas Comissões de Trabalhadores, de Moradores e pelos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros (R.R.T.S.M.) representados por estas organizações, por partidos de esquerda e por sectores importantes das Forças Armadas.

Neste momento a crise política é caracterizada pela tentativa de viragem à direita, através de controlar o aparelho do Estado e sectores das Forças Armadas. Ao mesmo tempo que os trabalhadores se afirmam cada vez mais combatíveis juntamente com os soldados e marinheiros.

O Sexto Governo Provisório prepara-se para dar golpes profundos na luta dos trabalhadores tencionando entregar o Jornal República e a Rádio Renascença aos seus antigos donos e para isso recusa-se a conceder o empréstimo ao jornal República que se encontra em dificuldades financeiras. Portanto estas medidas que o Sexto Governo propõe tomar e outras que já tomou como a proibição de publicação de notícias de lutas dos soldados dentro dos quartéis têm sido amplamente combatidas em Assembleias de Trabalhadores, Moradores, de Soldados e nas grandiosas manifestações no Porto e Lisboa em que se podia ver alianças Revolucionárias dos trabalhadores em fatos de trabalho e dos soldados fardados.

As medidas que o Sexto Governo pode tentar para resolver a crise económica são medidas para reconstruir o capitalismo em Portugal e por isso são medidas contra as conquistas dos trabalhadores: a crise económica e política só pode ser resolvida por um governo revolucionário de trabalhadores apoiado nas suas organizações autónomas de comissões de trabalhadores e moradores.

"SITUAÇÃO MILITAR"

A luta de classes entrou decisivamente nos quartéis. Durante muitos meses a luta e organização dos soldados foi muito confusa e controlada pelos oficiais. Só em alguns casos se afirmaram os soldados abertamente ao lado dos trabalhadores. Com a grande crise desencadeada pelo Partido Socialista (P.S.) e por toda a direita e que se traduziu em ataques às sedes de partidos de Esquerda e outras organizações de trabalhadores, alguns oficiais da Região Militar do Norte juntamente com a Região Militar do Centro e com o apoio nas altas esferas militares em Lisboa manobram num sentido de apoio à reacção saneando militares progressistas no Porto, recusando-se a in-

tervir para impedir as reacções violentas. Estas manobras eram feitas sem os conhecimentos dos soldados destas cidades. Estes haviam de tomar posição mais tarde com a criação da sua própria organização (Soldados Unidos Vencerão) e com grande movimentação dos soldados fardados na rua, com clara intenção de luta contra os oficiais reaccionários e apoio efectivo ao lado dos trabalhadores. Esta organização estendeu-se rapidamente a todo o país e adquiriu importância fundamental. Ao mesmo tempo os soldados saneiam oficiais reaccionários em regiões do Norte e travam importantes lutas a propósito de problemas políticos gerais noutras regiões. Face a esta tomada de consciência dos soldados, o chefe do estado maior do Exército "General Fábão", o comandante da Região Militar do Centro, "Brigadeiro Charais", alguns oficiais do chamado "grupo dos nove" tentam a todo o custo travar a luta dos soldados, não se cansando de dirigir apelos à disciplina repressiva sobre os soldados e as suas organizações e não se cansando de chamar contra-revolucionárias às manifestações dos soldados: Mas o grito destes é claro: PORTUGAL NÃO SERÁ O CHILE DA EUROPA!! Neste momento há dois campos bem definidos no campo militar. Um que apoia claramente a direita e que foi unificado pelo documento "Melo Antunes" e que agrupa vários comandantes de unidades sobretudo do Centro Norte, altos oficiais da hierarquia militar.

O outro campo engloba oficiais e sargentos que declaradamente se propõem ao lado dos trabalhadores e engloba a grande massa de soldados, marinheiros e aviadores cuja expressão mais recente foi a grande manifestação de 25 de Setembro em Lisboa convocada pela S.U.V. (Soldados Unidos Vencerão).

Pergunta:

Dentro do contexto político Português, qual a importância das manobras da reacção nos Açores?

Resposta: "A REACÇÃO NOS AÇORES"

A reacção ataca em vários pontos do País. Um deles é os Açores e outro é Angola assim como muitos outros. Para os Açores quando o imperialismo Norte-Americano viu em perigo a sua importante base militar das Lajes pelo avanço das lutas dos trabalhadores em Portugal pensou em salvar a sua posição. Para isso, com o apoio dos latifundiários das ilhas e com o apoio de políticos bem preparados que actuam nos E.U. e Canada, criou a F.L.A. cujo objectivo é a independência de Portugal e a dependência dos E.U.. As suas actuações estão sempre combinadas com o avanço ou recuo da reacção em Portugal, pelo que se vê a sua estreita ligação. Serve-se tal qual a reacção do continente do descontentamento dos camponeses pobres atribuindo-se a sua situação ao 25 de Abril, quando sabemos que essa miséria vem dos mais remotos anos do fascismo. A estes camponeses é necessário dizer que um governo de direita em Portugal ou uma dependência directa do Imperialismo N. Americano que a F.L.A. pretende, não resolve os seus problemas antes pelo contrário, agrava a sua situação de explorados pelos grandes latifundiários. Só um governo revolucionário em Portugal é capaz de lhes dar os produtos da terra que eles trabalhem e de lhes dar auxílio para a melhoria da cultura das suas terras.

A base das Lajes representa para a luta dos trabalhadores em Portugal e em toda a Europa uma ameaça permanente e como fosse uma lança espetada no coração da Europa. Muito provavelmente, se a reacção conseguir levar a melhor em Portugal a F.L.A. abandonará os seus propósitos de Independência dos Açores. Nessa altura o governo Norte Americano não terá problemas em utilizar as bases como não tinha no tempo do fascismo.

TONY AMARAL



Um aspecto da assistência e oradores na conferência sobre Portugal, na qual esteve presente Antonio Silva

este mês no Canada

Avanço do N.D.P.

A Província do Ontário elegeu no passado dia 18 de Setembro um governo minoritário, no qual nenhum dos três partidos conseguiu uma maioria absoluta. O partido Conservador de Bill Davis conseguiu sobreviver, mas perdeu muitos lugares para os partidos da oposição. Ambos os partidos da oposição ganharam lugares, mas de entre os dois quem recebeu a maioria foi o NDP que será daqui em diante o partido oficial da oposição.

Para preencher os 125 lugares na Assembleia os lugares foram distribuídos do seguinte modo: Partido Conservador Progressista 51 lugares, NDP 38 lugares, e partido Liberal 36. Na Assembleia anterior os Conservadores ocupavam 78 lugares os Liberais 20 e o NDP 19.

O NDP ganhou muitos lugares sobretudo na cidade de Toronto e no norte do Ontário. Em Toronto o NDP ganhou 14 das 29 constituintes. O apoio que o NDP recebeu deve-se por um lado a uma campanha relacionada com quatro problemas: educação, controlo de rendas de casa, energia e uso da terra. Em Toronto o NDP fortaleceu a sua posição sobretudo nas zonas da classe trabalhadora. Nas constituintes onde reside a maior parte dos Portugueses ganharam os seguintes candidatos Bellwoods-Ross McClellan(NDP) Dovercourt-Tony Lupusella(NDP), Parkdale-Jan Duksza (NDP) e St. Andrew-St. Patrick-Larry Grossman(PC).

Prevê-se que um governo minoritário dure pouco tempo.

crise económica

A inflação no Canadá está a correr a 11 por cento por ano. A tendência está na continuação subida dos preços. O Canadá terá um "deficit" (dívida) de \$5.1 bilhões de dólares este ano, segundo uma estimativa do "Conference Board in Canada". A média dos salários este ano subiu 14.3 por cento. Certamente não para todos!

Desemprego

O numero de Canadianos (e imigrantes) sem trabalho no mes de Agosto subiu para 736,000, ou 7.3 por cento da mão de obra, segundo a Estatística do Canada. No Ontário o numero de desempregados no mesmo mes era de 235,000 ou 6.2 por cento. O lugar de maior desemprego no Canada e Newfoundland com 21 por cento de pessoas sem trabalho. Saskatchewan tinha 2.7 por cento. Preve-se um maior numero de pessoas desempregadas no inverno.

O GOVERNO NADA FEZ PELAS MULHERES DA LIMPEZA

balhadores/as de limpeza que tinham sido despedidos.

No dia 2 de Outubro, depois de terem passado por todo um sistema burocrático, foi realizada uma conferência de imprensa no Queen's Park com James Snow, Ministro de Serviços do Governo, o ministério que concede os contratos de trabalho. As pessoas sentadas à mesa com o Sr. Snow eram a senhora Piedade Silva, que representava os trabalhadores, e dois membros do Parlamento Provincial, Ross McClellan (NDP Bellwoods) e Margaret Campbell (Liberal St. George). A senhora Silva falou sobre a situação dos trabalhadores, não só da necessidade de trabalho, mas também uma maior necessidade de justiça na crise que agora enfrentam.

Ross McClellan disse: "Temos aqui uma situação inaceitável. O governo do Ontário está directamente envolvido na exploração sistemática dos imigrantes trabalhadores na indústria de limpeza". Ele insistiu mais tarde que "... os serviços de limpeza deviam ser eliminados, e que todo o pessoal de limpeza do governo receba protecção e segurança de trabalho no serviço cívico regular".

Quando perguntaram a James Snow porque deixava o governo que estes trabalhadores fossem tão mal pagos e se a lei do salário mínimo se aplicava neste caso, o ministro respondeu que a lei do salário mínimo não faz parte dos contratos de serviço de manutenção, embora faça parte de muitos outros, incluindo a construção civil. Quando lhe perguntaram porque é que isso acontece, o ministro não foi capaz de dar uma resposta satisfatória. Margaret Campbell sugeriu que a razão devia ser o facto de a maioria dos trabalhadores serem mulheres, e que elas não são apenas exploradas como trabalhadoras mas também como mulheres.

O ministro foi incapaz de dizer algo positivo às mulheres. O governo e o seu ministro foram severamente criticados pela sua falta de consciência e inacção. A senhora Rohnie De Ruiter, uma trabalhadora das Caraíbas e mãe de 6 filhos, queria saber o que iria fazer sem um trabalho. A senhora Piedade Silva representante dos trabalhadores, perguntou como ia viver sem um trabalho sabendo que o seu marido vai ser despedido da construção. A senhora Germana Tra-

DATA LIMITE DO CORREIO

A Direcção dos Correios comunicou a lista das datas limites para as cartas, cartões e embalagens com destino fora da América do Norte, para o próximo natal:

GRÁ-BRETANHA e IRLANDA:

Embalagens: via marítima 10 de Novembro
via aérea 8 de Dezembro
Cartas e Cartões: via marítima, 24 de Novembro
via aérea, 15 de Dezembro

EUROPA:

Embalagens: via marítima, 24 de Outubro
via aérea, 5 de Dezembro
Cartas e Cartões: via marítima, 14 de Novembro
via aérea, 8 de Dezembro

ÁFRICA:

Embalagens: via marítima, 13 de Outubro
via aérea, 28 de Novembro
Cartas e Cartões: via marítima, 7 de Novembro
via aérea, 8 de Dezembro

ÁSIA:

Embalagens: via marítima, 17 de Outubro
via aérea, 28 de Novembro
Cartas e Cartões: via marítima, 10 de Novembro
via aérea, 8 de Dezembro

AUSTRÁLIA e NOVA ZELÂNDIA:

Embalagens: via marítima, 17 de Outubro
via aérea, 28 de Novembro
Cartas e Cartões: via marítima, 7 de Novembro
via aérea, 8 de Dezembro

AMÉRICA CENTRAL E SUL, Índia Ocidental:

Embalagens: via terrestre ou marítima, 24 de Outubro.
via aérea, 5 de Dezembro
Cartas e Cartões: via terrestre ou marítima, 10 de Novembro
via aérea, 8 de Dezembro

Aumento do Correio

O custo do correio de uma carta para o estrangeiro vai aumentar de 15 para 20 centimos no próximo dia 1 de Janeiro. Um ano mais tarde, ou seja no dia 1 de Janeiro de 1977 o preço de uma carta será 25 centimos. O custo de uma carta registada será 75 centimos em vez de ser 50 centimos.

INTERESSA-SE PELA Educação dos filhos?

No princípio de Setembro os estudantes voltaram para as escolas depois de dois meses de férias. A maior parte dos estudantes portugueses encontra-se a frequentar as escolas primárias ou secundárias. São muito poucos os que continuam os estudos indo para as universidades ou colégios comunitários técnicos e de artes.

O que acontece frequentemente aos estudantes Portugueses é que são matriculados em escolas secundárias vocacionais ou técnicas que apenas dão para estudar até ao grau dez (algumas nem isso), 11 ou 12 São escolas deste tipo, Heydon Park, West Park, Brockton, Bickford, Central Technical and Central Commerce.

Os alunos Portugueses vão para estas escolas por diversas razões, sendo uma das principais o facto de estas escolas existirem em maior quantidade ao sul da Bloor St. e portanto, não haver lugar suficiente noutro tipo de liceu. Outra razão importante é que os próprios pais não estão informados sobre os direitos que têm para escolherem uma escola para os seus filhos. A terceira razão, em geral apresentada pelas escolas primárias e principais, e que as crianças filhas de imigrantes apresentam em geral um problema de língua inglesa e por vezes chegam ao grau oito mas estão a ler ao nível do grau cinco ou seis. Nestas circunstâncias as crianças não podem entrar para um programa muito difícil e por isso são enviadas para essas escolas.

Todavia há muita gente que acha que isto é apenas uma razão para discriminar contra as crianças imigrantes, pois embora muitas crianças tenham no princípio um problema no ingles, elas são inteligentes e podem mais tarde chegar a alcançar o nível desejado.

Devido a uma grande crítica de muitos grupos imigrantes contra esta discriminação, a Direcção Escolar de Toronto está a fazer estudos para ver que pode fazer para remediar este assunto. Porém, pouco ou nada será mudado se os próprios pais não se juntarem para se informarem sobre o que está a acontecer no campo de educação para os seus filhos tais como os outros canadianos têm.

Para que os pais tenham um maior conhecimento neste assunto vai organizar-se uma reunião de esclarecimento sobre o que a Direcção escolar está a fazer neste momento sobre o assunto e para que os pais Portugueses tomem uma posição perante isso.

Esta reunião será no sábado dia 25 de Outubro das 2 as 5 horas da tarde. Os pais que tiverem crianças podem trazê-las pois haverá quem tome conta delas.

Para atender esta conferência é preciso dar o seu nome e morada pelo telefone até ao dia 20 de Outubro. Telefone para João Medeiros, 536-1166 das 9 às 5 da tarde ou 537-6801 das 5 às 9 da noite.

Continuação da página 1

vassos, mãe de 7 filhos com idades entre os 6 meses e os 15 anos, estava ansiosa acerca do trabalho, visto o salário do seu marido não ser suficiente para suportar a família.

O senhor Snow e o seu governo foram acusados de não se interessarem pelos imigrantes a não ser no tempo das eleições. Quando lhe disseram que muitas das mulheres não falam Inglês ele disse que elas deviam de ir para a escola, todavia foi rapidamente apontado que há um programa de Inglês na comunidade que tem falta de professores porque o ministério que os emprega tem pouco dinheiro. É também evidência da falta de compreensão que ele tem das vidas destas mulheres e homens, muitas das quais trabalham em casa durante o dia cuidando das crianças mais novas e da casa e vão trabalhar à noite apenas porque os maridos estão em casa para tomar conta das crianças. O ministro deixou a conferência sem prometer nada ou oferecer ajuda e sem simpatizantes.

No dia seguinte, 3 de Outubro, o vice-presidente das relações de trabalho da companhia de limpeza "Consolidated" veio de Nova York para falar com a senhora Piedade Silva, Sidney Pratt e Michelle Swenarchuk, uma advogada das mulheres, assim como com alguns representantes do sindicato, para discutir uma oferta feita pela companhia. Esta ofereceu \$2.85 benefícios e aulas de Inglês e alfabetização duas vezes por semana, assim como reconhecimento voluntário do sindicato. Esta oferta foi apresentada às trabalhadoras e aceite por elas.

No fim, elas conseguiram ficar nos trabalhos mas com um salário mais baixo do que o que tinham pedido inicialmente. As trabalhadoras aceitaram a oferta porque não tinham outro refúgio—elas não estavam preparadas para ficar sem trabalho.

O mais importante é que elas tiveram experiência do que a solidariedade dos trabalhadores pode fazer com a assistência de mulheres da comunidade canadiana, mulheres que deram o seu tempo e conhecimentos para ajudar estas trabalhadoras.

O governo aprendeu que as mulheres trabalhadoras imigrantes têm uma voz e estão a exigir os seus direitos activamente. Estas mulheres e homens ganharam uma vitória por causa da sua acção.

Os futuros contratos do governo terão direitos de sucessão, isto é: trabalhadores/as que já estavam a trabalhar terão o direito de manter o seu trabalho quando surge uma companhia nova; haverá salário mínimo (na indústria sindicalizada) nas ofertas por concurso.

Na tabela seguinte pode ver-se como pessoas de limpeza a fazer o mesmo serviço são pagas de maneira diferente:

Universidade de Toronto-----	\$4.07 à hora
Edifício do Parlamento (Queen's P.)--	\$3.74 à hora
Edifício do Toronto Dominion-----	\$2.85 à hora
Modern Building-----	\$2.40 à hora

Filomena Almeida-Medeiros

FALE **INGLÊS** PERFEITO
em 3 meses

APRENDA INGLÊS EM SUA CASA

APRENDA A FALAR, A LER E A ESCREVER

TELEFONE PARA 537-8763 OU ENVIE O CUPÃO PARA LIVRO GRÁTIS, PARA

INSTITUTO LINGUAMATICO ARLINGTON

1726 Eglinton Avenue West, Toronto M6E 2H5

Mr. _____
Mrs. _____ Idade _____
Miss _____
Morada _____ Apt. _____
Cidade _____ Tel. _____

A APANHADA DO TABACO

No dia 3 de Agosto saí de Toronto com direcção a Simcoe. Estava-se no principio da colheita do tabaco neste verão de 75. Na região de Simcoe, Delhi, Scotland, etc. viam-se estudantes principalmente de Québec e alguns canadianos à procura de trabalho. Nestas regiões principalmente em Simcoe e Delhi, existem já bastantes portugueses na sua maioria rendeiros e outros donos de "farms" de tabaco. E no dizer deles ou de alguns deles, o tabaco dá dinheiro.

Este ano, segundo diziam os rendeiros ("growers"), era um ano bom porque havia trabalhadores a mais e se alguém se recusasse a trabalhar, havia logo um substituto de reserva; isto no fim já não acontecia porque depois duma semana ou duas, muitos estudantes ou trabalhadores que não conseguiam trabalho decidiam regressar a casa. Foi um ano bom... Foi um ano em que havia trabalhadores a mais... Um ano de se dizer se tu não quizeses trabalhar pelo que te pago, ou fazer o trabalho que quero, há outro à espera do teu lugar.

Para quem não sabe o que é um "farm" (fazenda ou plantação de tabaco) tentarei explicar em duas ou três palavras. Um "farm" é, portanto, uma extensão de terreno que pode ser de tamanho variável (1, 2, 3 ou mais milhas de terreno); inclui uma casa de residência do dono ou do rendeiro, os "barns" ou barracões onde se guarda todo o material relativo às plantações e os tratores ou outra maquinaria. Há também as chamadas "green houses" (estufas envidraçadas) onde o tabaco é semeado e tratado até poder ser semeado no terreno por volta do mês de Maio. Existem as chamadas "kilns" onde o tabaco é pendurado e curado durante a colheita; depois é armazenado nos "barns" para finalmente ser escolhido e vendido à fábrica do tabaco.

Por vezes existem hortas junto de casa que produzem os vegetais essenciais para a alimentação durante o ano e também se criam algumas galinhas, porcos, vacas, etc. É frequente o dono do "farm" não cultivar a terra ele próprio. Neste caso, contrata o terreno a meias com outra pessoa, em que os lucros e as despesas são divididas pelos dois no fim da colheita. Assim o dono do "farm" não trabalha, simplesmente recebe os lucros do seu capital, do seu dinheiro. E o que se costuma chamar "big bosses" ganham dinheiro sem trabalhar. Assim temos o dono que não trabalha e ganha, enquanto que o rendeiro para ganhar tem de trabalhar e é de seu encargo pagar os salários aos trabalhadores e, por consequên-

UNIDADE!

Durante as primeiras edições do jornal "COMUNIDADE" foram publicadas várias entrevistas, testemunhos de trabalhadoras e trabalhadores que foram objecto de injustiça nos lugares onde trabalham nas fábricas, nas construções, nas limpezas, etc... onde os patrões ou os "bossas" abusaram da sua dignidade de pessoas humanas...

Mais importante do que as nossas entrevistas e que os trabalhadores se reunam ou formem grupos e comissões de trabalhadores nos lugares onde trabalham e nos escrevam sobre as injustiças, as lutas por um salário decente, sobre os contractos colectivos e as greves (strikes), na segurança e condições de trabalho. As cartas podem ser entregues ou enviadas para o Jornal Comunidade, Secção de Trabalhador.

Lembre-se que os trabalhadores imigrantes fazem os trabalhos que mais ninguém quer fazer: que os trabalhadores imigrantes ganham salários mínimos, são operários não especializados são os que mais sofrem com o desemprego, e com o aumento do custo de vida.

A falta de medidas de segurança nos trabalhos provoca acidentes que deixa os trabalhadores sem dedos, sem braços, muitas vezes inutilizados para o resto da vida!

Acabemos com os abusos!

Lutemos pela dignidade de pessoas humanas nos locais de trabalho!

Trabalhemos pela unidade dos trabalhadores!

Comissão de Trabalho
José Borges

CUPÃO

Desejo ser assinante do "COMUNIDADE".
Envio \$5 dólares em cheque ou money
order para uma assinatura anual.

Nome _____

Endereço _____

Telefone _____

Pagamento ao
Movimento Comunitário Português
931 College Street, Toronto, Ontario

cia, quanto menos pagar mais ganha. E é aqui que entra o jogo: o dono tira lucros do rendeiro, o rendeiro tira lucros do seu trabalho e dos trabalhadores, e os trabalhadores tiram nada mais que o salário que o seu suor lhes dá e lucros... não os tiram de ninguém!

Os trabalhadores são contratados para trabalharem nos "farms" individualmente ou por "gangs" ou seja o conjunto de apanhadores de tabaco. Às vezes as mulheres fazem os "sticks" e estendem o tabaco na mesa para depois serem pendurados nas "kilns" (casas altas) onde o tabaco é posto a curar.

Os apanhadores de tabaco (primers) geralmente são pagos conforme a abundância da mão-de-obra. Se existem muitos trabalhadores paga-se um pouco menos se há poucos pois paga-se um pouco mais.

Os apanhadores de tabaco geralmente dormem e comem no farm onde trabalham.

Em alguns "farms" as condições higiénicas dos dormitórios são razoáveis, noutros são apenas comparáveis com o seculo passado. A comida e de acordo com os gostos e possibilidades financeiras do dono ou do rendeiro e segundo a sua consciência. Isso não impede que a comida por vezes seja de qualidade bastante má.

Para o dono do "farm" ou o rendeiro, uma boa apanha de tabaco e quando tem pessoas de família, principalmente a fazer os "sticks", pois aí pode por mais tabaco do que aquele que devia ser, (um "stick" de tabaco é composto de 100 a 120 folhas de tabaco). No caso de ser pessoa de família põe mais folhas. Isto faz com que os apanhadores de tabaco sejam obrigados a trabalhar mais horas. Outro lugar que também é bom ter uma pessoa de confiança é na cozinha porque sempre pode aproveitar estes ou aqueles restos de cozinhados e "inventar" um cozinhado que seja económico, mesmo que possa rebentar com estomago de alguém. Mas isso não interessa, porque o dono ou rendeiro tem muito dinheiro investido ali e tem de economizar.

Geralmente começa-se a trabalhar às 6.30 ou 7 da manhã e prolonga-se até se conseguir encher uma casa que leva 1250 "sticks" o que significa 125.000 folhas por casa. Se em 1000 "sticks" se puserem 20 folhas a mais isso representa 20.000 folhas e cerca de 170 "sticks". Estes "sticks" representam horas de trabalho dos trabalhadores que não foram pagas.

Um trabalhador é pago entre \$30.00 a \$40.00 diárias para encher uma casa de tabaco ou seja 1250 sticks. Por vezes tem a possibilidade de se ir quebrar "tops" (ou capar tabaco, como dizem os Portugueses) a um preço que posto pelo "farmeiro". Até aqui está tudo muito bem, se não repararmos ou soubermos que, por exemplo, para se encher uma casa de tabaco são 8 horas, o mínimo, mas isto é difícil se o dono ou o rendeiro do "farm" puser tabaco demais nos "sticks". A seguir vai-se "capar tabaco", por exemplo, a três dollars à hora e não existe o "overtime", mesmo que nos tenhamos levantado para despejar uma "kiln" (casa de pendurar o tabaco) às 4 ou 5 horas da manhã ou que a casa tenha levado 10, 11, 12 ou mais horas, devido à maquinaria que se partiu.

Nada disso conta porque o contracto foi que o dia estava ganho quando se enche uma casa... Se chover, em muitos "farms" porque as máquinas enterram-se e também não se ganha se o tabaco está verde...

Para os apanhadores de tabaco é difícil a primeira colheita do tabaco porque são apanhadas as primeiras três ou quatro folhas rentes ao chão (chamadas em inglês "sand leaves"). A colheita prossegue apanhando três ou quatro folhas de cada planta até ficar sem folhas para o que é necessário percorrer o terreno 5 ou 6 vezes para terminar uma colheita de tabaco no caso de não cair "frost" (uma geada forte que queime o tabaco). Em resumo, temos o apanhar tabaco e ganhar o nosso dia, temos o chover, o tabaco estar verde e não se ganha. Temos o dono ou rendeiro do "farm" a pôr tabaco a mais do que é justo e temos alguém a ganhar a custa do nosso suor...

José H. Borges

comité

Recebemos dois comunicados do recentemente fundado Comité "Vasco Gonçalves". Este comité, conforme se apresenta, foi criado para apoiar a revolução Portuguesa, e dedica-se, entre outras coisas, à recolha de fundos para ajudar a reconstrução das sedes dos partidos progressistas atingidos pela violência fascista.

Este Comité está também envolvido na formação de um Comité Canadiano de Solidariedade com a Revolução Portuguesa.

Toma também posição contra o que chama "um disco miserável que é por aí vendido às escondidas, sem selo nem marca, e que procura explorar a crença da nossa boa gente".

A DIRECÇÃO ESCOLAR DE TORONTO

ABRE CONCURSO PARA AS SEGUINTE POSIÇÕES :

A. 9 TRABALHADORES COMUNITÁRIOS DA ESCOLA

SALÁRIO: \$9,000 -- \$11,000. por ano
\$11,000 -- \$11,000. por ano com grau
Universitário.

Qualificações

1. É essencial competência em línguas e culturas para além do Inglês.
2. É essencial experiência em desenvolvimento comunitário.
3. Competência em falar e escrever Inglês.
4. Conhecimento das escolas em grandes centros urbanos.
5. Três anos de experiência de trabalho, pelo menos.

B. 3 COORDENADORES COMUNITÁRIOS DA ESCOLA

SALÁRIO: \$16,000 -- \$19,000. por ano

Qualificações

1. O candidato deveria ter um grau Universitário.
2. Seria útil competência em línguas e um conhecimento de outras culturas, além do Inglês.
3. Competência em Inglês escrito e falado.
4. Experiência em desenvolvimento comunitário.
5. Conhecimento dos sistemas de escolas de grande centros urbanos.
6. Cinco anos de experiência, pelo menos, incluindo experiência de supervisão.

Este concurso é aberto a individuais dos dois sexos. Requerimentos por escrito, até 31 de Outubro, 1975, para:

Staff Relations Officer,
Personnel Department,
Toronto Board of Education,
155 College Street,
Toronto, Ontario.

QUEM NÃO QUER SINDICATOS?

No dia 24 de Setembro apareceu uma pequena notícia no diário Toronto Star na qual se dizia: "O sindicato dos Químicos e Textéis Canadianos (Canadian Textile and Chemical Union) quer que a Direcção das Relações do Trabalho do Ontario (Ontario Labor Relations Board) re-abra um inquerito sobre petição por 80 dos 120 empregados da Artistic Woodwork Co. Ltd. para anular o sindicato local da fábrica."

Numa conferência de imprensa um representante do sindicato pediu um inquerito para verificar quem influenciou a petição.

R. Kent Rowley, Presidente do sindicato acusou a companhia de inspirar a petição. Ele acusou que muitos dos que assinaram a petição, incluindo imigrantes, foram forçados a assiná-la. Acusou também que dois dos homens que circularam a petição eram furadores da greve (scabs) que se realizou há dois anos. Afirmou ainda que lhes foi dado licença de recolher assinaturas para a petição durante o tempo de trabalho.

O tribunal de trabalho foi também acusado pelo presidente do sindicato de ser "um obstáculo na organização das pessoas não-organizadas e de ser um lugar de conspiração para os advogados da companhia."

Seria triste acabar com o sindicato numa fábrica que teve de travar uma grande luta para fazer o seu primeiro contrato no verão de 1973. Nessa altura os trabalhadores da Artistic, quase todos imigrantes estiveram 3 meses e meio em greve porque a fábrica não queria reconhecer uma cláusula que dava segurança ao sindicato. Esses trabalhadores obtiveram a solidariedade de muitos grupos de pessoas que se juntaram às suas linhas de piquete.

Houve mais de 100 prisões quando a polícia se opôs aos piquetes para deixar entrar furadores de greve (scabs).

Os trabalhadores imigrantes não se devem deixar intimidar pelos "bossas". A sindicalização dos trabalhadores é a única arma para a defesa dos seus direitos.

RECORTE E ENVIE